



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

LINHA DE PESQUISA: CULTURA AFRO-BRASILEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA NO LIVRO INFANTO-JUVENIL “O
AMIGO DO REI” DA AUTORA RUTH ROCHA**

PAULO RICARDO PORPINO DA CRUZ

**GUARABIRA-PB
2017**

PAULO RICARDO PORPINO DA CRUZ

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA NO LIVRO INFANTO-JUVENIL “O
AMIGO DO REI” DA AUTORA RUTH ROCHA**

Trabalho de Conclusão de curso (TCC – Monografia) apresentado ao Curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Polo Guarabira – PB, sob a orientação da Prof^ª Ms. Sheila Gomes Melo.

**GUARABIRA-PB
2017**

C955r Cruz, Paulo Ricardo Porpino da.
A representação da criança negra no livro infanto-juvenil "O amigo do rei" da autora Ruth Rocha [manuscrito]: / Paulo Ricardo Porpino da Cruz. - 2017.
39 p.: il. colorido.

Digitado.
Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.
"Orientação: Profa. Ma. Sheila Gomes Melo, Departamento de Educação - CH."
1. Literatura Infanto-Juvenil. 2. Criança Negra. 3. Imagem do Negro.

21. ed. CDD 808.068

PAULO RICARDO PORPINO DA CRUZ

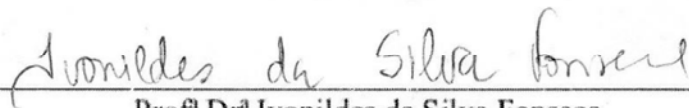
A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA NO LIVRO INFANTO-JUVENIL "O
AMIGO DO REI" DA AUTORA RUTH ROCHA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para a conclusão sob a orientação da Profª Msª Sheila Gomes de Melo.

Aprovada em: 28 / 11 / 2017



Profª. Msª Sheila Gomes de Melo
Orientadora



Profª Drª Ivonildes da Silva Fonseca
Examinadora



Prof. Ms. Felipe Pereira da Silva
Examinador

Dedico este trabalho aos meus colegas aos meus companheiros e companheiras de turma, dos quais destaco, Fábio Santos, Jean Carlos, Jean Pierre, Jacqueline Daiane, Sayonara, Janaina e Valnize, pessoas que foram de fundamental importância na minha caminhada acadêmica, como também não poderia jamais esquecer da minha esposa Elaine Carla que sempre me incentivou nos momentos de maior dificuldade. Aos meus pais que me deram grande coragem na jornada da vida, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, autor e consumidor da nossa fé, pela minha vida, por me dar força e coragem durante esse percurso, em especial a minha família, que sempre se fez presente em todos os momentos desta jornada, que mesma árdua, fez valer a pena.

A todos os professores do curso de especialização que contribuíram significativamente no nosso aprendizado, dos quais gostaria de destacar o professor Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Dr^a. Ivonildes da Silva Fonseca, Ms. Sheila Gomes, Ms. Daniel Torquato, Dr. Carlos Adriano, Lúcia Júlio, a todos os docentes a minha mais sincera admiração e gratidão.

De forma especial a Dr^a. Ivonildes Fonseca, que representa de forma brilhante este curso de especialização em Educação Étnico-racial, que não mediu esforços durante nossa jornada, se mostrando um exemplo de profissional e acima de tudo um ser humana de muita luz e muito axé.

A minha esposa Elaine Carla que sempre me motivou e me encorajou para ingresso deste sonho, me dando sempre atenção e disponibilidade de tempo na minha caminhada acadêmica.

De maneira muito carinhosa a professora Sheila Gomes, pela atenção, paciência, dedicação, organização, e sobretudo por sua contribuição e incentivo durante as orientações.

Não poderia esquecer do meu amigo professor Felipe Pereira da Silva, por ter me disponibilizado um grande acervo de livros, que fez toda a diferença na produção deste trabalho de conclusão de curso e também por suas dicas maravilhosas de como explorar a temática.

A todos (as) os (as) colegas de curso, pela troca de experiências e vivências e por todos os saberes compartilhados, pessoas que guardarei na minha memória e no meu coração.

Levante a cabeça
Vislumbre as estrelas
Acorde o zumbi
Que existe em você

Levante bandeiras
Exponha seu ego
Não tenha vergonha
De ser o que é ...

Criança morena
Ou de pele bem negra
Seu dia é hoje
É dia de raça!

Criança bem linda
De história sofrida
De raça bem forte
Que Sabe vencer!

Rosa Margarida Rocha

“Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.” Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho buscou analisar a representação do negro na literatura infanto-juvenil, pois é perceptível na contemporaneidade, sobretudo com a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003) uma tendência de dar voz e vez aqueles que estavam na margem. A literatura nesta perspectiva é uma ferramenta importantíssima, para que possamos elencar alguns estereótipos criados pela classe dominante para inferiorizar o povo africano. Como também, no processo inverso que é o da desconstrução deste estereótipos. É na sala de aula que esses conceitos, ou melhor preconceitos, devem ser superados. Nesse viés a escola, portanto, é o lugar de desconstrução de racismo e quebra de estereótipos. Devendo a mesma trabalhar a diversidade cultural existente em seu interior, valorizando os diferentes sujeitos que compõem este espaço. Por fim este trabalho almeja contribuir com a aplicabilidade da Lei 10.639/03, desenvolvendo políticas de reparações e reconhecimento da cultura afro-brasileira. Neste sentido Ruth Rocha (1999) nos apresenta em sua produção literária uma ressignificação da imagem do negro, transpondo com os modelos tradicionais dominantes. Ao nos apresentar seu livro o Amigo do Rei, mostrando a força e os valores que compõem o personagem Matias.

Palavras-chave: Lei 10.639/2003. Literatura infanto-juvenil. Criança Negra.

ABSTRACT

This work sought to analyze the representation of the Negro in the literature of children and youth, since it is noticeable in contemporary times, especially with Federal Law 10.639 / 03 (BRASIL, 2003), a tendency to give voice to those at the margin. Literature in this perspective is a very important tool, so that we can list some stereotypes believed by the ruling class to undermine the African people. As well, in the reverse process that is the deconstruction of this stereotypes. It is in the classroom that these concepts, or rather preconceptions, must be overcome. In this bias the school, therefore, is the place of deconstruction of racism and breaking of stereotypes. It must also work the cultural diversity existing in its interior, valuing the different subjects that make up this space. Finally, this work aims to contribute to the applicability of Law 10.639 / 03, developing policies for reparations and recognition of Afro-Brazilian culture. In this sense Ruth Rocha (1999) presents in his literary production a re-signification of the image of the black, transposing with the dominant traditional models. In presenting his book, the Friend of the King, showing the strength and values that make up the character Matias.

Keywords: Law 10.639 / 2003. Children's and juvenile literature. Black child.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Briga entre Ioiô e Matias.....	29
FIGURA 2 - Matias contando a Ioiô que um dia seria rei.....	31
FIGURA 3 - Matias e Ioiô adentrando na floresta.....	33
FIGURA 4 - Matias e Ioiô dormem próximo ao fogo.....	34
FIGURA 5 - Os guerreiros saúdam Matias como rei.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DA CRIANÇA NEGRA: DOS ASPECTOS HISTÓRICOS AS CONTRIBUIÇÕES DIDÁTICAS	15
1.1. O papel da escola na desconstrução de Estereótipos sobre o corpo negro.....	17
1.2. A questão da formação de professores: contribuindo com o processo de construção da identidade das crianças negras.....	19
CAPÍTULO II - A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DA REPRESENTAÇÃO ESTEREÓTIPIADA SOBRE O POVO NEGRO ÀS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA	21
CAPÍTULO III - REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS, AMBIENTES NATURAIS E VALORES CIVILIZATÓRIOS: ANALISANDO CONCEITOS PRESENTES NA OBRA “O AMIGO DO REI”	25
3.1. Da construção das representações sobre o negro e a identidade do personagem Matias.....	28
3.2. Dos valores civilizatórios presentes na obra “O amigo do rei”.....	30
3.3. Do meio ambiente apresentado pela autora “Ruth Rocha”	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe utilizar a literatura infanto-juvenil como ferramenta de integração da criança negra no cotidiano escolar. Incentivando e promovendo ações que valorizem a diversidade e o respeito às diferenças dentro da escola, abrangendo todos os envolvidos no processo educacional, (pais, alunos, professores, gestores, funcionários e a comunidade de modo geral). A abordagem dessa temática será de suma importância para o desenvolvimento moral e intelectual da criança negra na sala de aula.

Trabalhar com a literatura com personagem negro, nos permite fazermos uma releitura acerca de alguns estereótipos criados pelos brancos, que inferiorizam o povo africano e marginalizam o negro. De modo a quebrar com certos conceitos existentes em solo brasileiro, como a democracia racial por exemplo nada melhor do que trabalhar a temática étnico racial no ambiente escolar.

Nessa perspectiva buscamos entender que a escola é plural. E que é preciso atender essa diversidade encontrada no interior da instituição. O ensino deve ser pautado nas sensibilidades de cada indivíduo. É com esse intuito que a escola tem o dever de apresentar a pluralidade, buscando formas colaborativas de respeito e integração por parte dos alunos, professores entre outros agentes.

Este trabalho nasce do desejo de contribuir com o cumprimento da lei 10.639 de 09 de Janeiro de 2003, sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, sendo que, seu artigo 79B prevê, entre outras coisas, que o calendário escola incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, que tornou obrigatório o ensino de História da África e dos afro-brasileiros no Ensino Fundamental e Médio.

A escola tem um papel singular na formação e auto afirmação da criança negra na sociedade. Fazendo com que a mesma possa se sentir como parte integrante do processo social. A escola nesse sentido não pode ser agente de reprodução de valores de uma classe social dominante, mas deve atender seu público escolar, negros e brancos. Esse projeto não tem pretensão de colocar a comunidade negra superior à branca, mas procurar mecanismos que permitam uma equiparação entre os diferentes povos.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar a representação da criança

negra na literatura infantil, tendo como pano de fundo a obra *O amigo do rei* de Ruth Rocha.

E, como objetivos específicos: caracterizar o contexto social, histórico e cultural da criança negra no livro “O amigo do rei”; evidenciar aspectos da relação social envolvendo a criança negra e branca na história narrada; identificar alguns valores civilizatórios afro-brasileiros na obra analisada.

Consideramos que esta pesquisa é de cunho qualitativo, pois segundo Creswell (2007, p. 186) chama atenção para o fato de que, na perspectiva qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador, o principal instrumento, sendo que os dados coletados são predominantemente descritivos. Pensando a pesquisa qualitativa em uma perspectiva histórica e cultural.

Assim sendo, a se trabalhar questões afirmativas, deve-se pensar em atividades que possibilitem aproximar nossos alunos da riqueza cultural afro-brasileira, aprofundando o estudo das fortes raízes culturais africanas, visando elevar a autoestima da criança negra e sua percepção e atuação sobre si mesma e seu lugar no mundo. Arruda (2006), afirma que a escola precisa romper com os interditos, para mostrar aos educandos a necessidade de se valorizar e garantir direitos inalienáveis de todos os estudos, sobretudo os estudos da formação do povo afrodescendente e do legado da cultura africana para os dias de hoje.

Todo o trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro, A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DA CRIANÇA NEGRA: DOS ASPECTOS HISTÓRICOS ÀS CONTRIBUIÇÕES DIDÁTICAS, traçamos os aspectos históricos vivenciados pelo povo negro no transcorrer da história, sobretudo como o mesmo é representado nos livros didáticos e nas obras literárias. O segundo, A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DA REPRESENTAÇÃO ESTEREÓTIPIADA SOBRE O POVO NEGRO ÀS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA, apresentamos a maneira com a literatura representou por vários momentos a imagem estereotipada do negro, comumente associada à sujeira, a feiura, a elementos negativos. No terceiro, REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS, AMBIENTES NATURAIS E VALORES CIVILIZATÓRIOS: ANALISANDO CONCEITOS PRESENTES NA OBRA “O AMIGO DO REI, mostramos como a obra de Ruth Rocha, rompe com o estilo tradicional de estereotipar o negro, ou seja, busca a desconstrução destes estereótipos. A autora nos apresenta a floresta como um lugar cheio de códigos que precisam ser decifrados para que seja

alcançada a maturidade de Matias.

Por fim, esperamos que este trabalho possa contribuir com a aplicabilidade da Lei 10.639/03, e que possa fomentar novas pesquisas nesta área em torno da temática das representações do negro na literatura infanto-juvenil.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DA CRIANÇA NEGRA: DOS ASPECTOS HISTÓRICOS ÀS CONTRIBUIÇÕES DIDÁTICAS.

No decorrer do processo histórico o negro foi colocado à margem da sociedade, ou seja, excluído do processo econômico e social do país. A depreciação com os africanos no transcorrer do tempo é algo perceptível na história. Basta analisarmos como o povo negro ainda é mostrado nos livros didáticos e nas obras literárias.

A identidade do negro está intimamente ligada a sua relação com o corpo, no qual foram atribuídas ao longo da história, valores e crenças negativas. Segundo Rodrigues (2012) o povo negro vindo da África desempenhou diferentes papéis na estrutura colonial: objeto comercial, o negro teve seu corpo vendido, alugado, emprestado, hipotecado ou violentado, de acordo com os interesses e desejos dos seus senhores.

A partir do século XVI, as características biológicas dos africanos eram associadas a seres primitivos e monstruosos, que habitam o continente africano, caracterizados com cabelo carapinha, nariz achatado, boca grande e carnuda, eram representados como aberrações. Neste contexto inicia-se a construção da imagem do homem negro africano associado a demônios bíblicos. Entretanto, é no século XIX, à luz de teorias como o positivismo, darwinismo e o evolucionismo, que essas características físicas e biológicas, serão determinantes para a construção do caráter e personalidade do negro, segundo Rodrigues (2012).

Ainda de acordo com Rodrigues (2012) o século XIX foi o auge das teorias raciais, marcado por pensamentos de vários intelectuais como o filósofo francês Gobineau (1816 – 1882), o médico e cientista italiano Lombroso (1835 – 1909), entre

outros, que delimitam o conceito de “raças” biologicamente determinadas e hierarquicamente posicionadas na escala evolutiva da humanidade. Entre os maiores defensores e seguidores das teorias raciais desenvolvidas na Europa, destaca-se o médico legista Nina Rodrigues.

É através destas teorias raciais, que vislumbramos os conceitos de superioridade e inferioridade. O primeiro atribuído aos brancos, colocado no topo do desenvolvimento humano (caracterizado como sendo o ideal de beleza) e o último, para além da condição de mercadoria, a teoria racista assimila o corpo negro com a ideia de feiura e sujeira. Nos dias de hoje, ainda encontramos resquícios desta forma de discriminação, mesmo sendo velado. Basta analisarmos aquela expressão “ele é preto, mas é limpinho”. Esse posicionamento carregado de preconceito e racismo, muitas vezes não é percebido.

Portanto, o racismo existente na sociedade brasileira, que menospreza e inferioriza o corpo negro diante do corpo branco, marca intrinsecamente a trajetória de vida do negro e principalmente a construção de sua identidade étnico – racial da criança negra.

A literatura, no decorrer do tempo, também se utilizou deste discurso para estigmatizar o homem negro. De acordo com Rosemberg (1985), a carência, ou melhor a ausência da representação de personagens negros na literatura infanto-juvenil ou sua representação estereotipada, é o reflexo de uma prática de preconceito e marginalização que reinava na sociedade. Para Silva (2016) A anulação e o silenciamento das personagens negras são evidenciados na forma de construção e de representação dessas personagens. As personagens brancas sempre foram mais frequentes nas histórias e, em sua grande maioria sempre ocuparam os lugares mais privilegiados e de destaques na sociedade. Eram sempre heróis, heroínas, que por mais que enfrentassem dificuldades, no final sempre conseguiam lograr êxitos, por serem dotados de virtudes e inteligência. Enquanto os personagens negros sobrava o papel de subalternos, de inferioridade em relação ao branco. Nesta perspectiva, o negro é sinônimo de “anormalidade” e os brancos eram considerados indivíduos “normais”.

Ainda de acordo com Silva (2016) as princesas e príncipes, heróis e heroínas das histórias trazidas pelos clássicos da literatura infantil e juvenil, seguem sempre um modelo europeu, seja nas características físicas dos personagens e nos costumes. Nesta perspectiva, à uma anulação de encontrar um personagem negro nessas histórias, e

quando trazem é carregado de preconceitos e estigmatizações.

Em alguns casos a situação vivenciada pelo povo negro constrói um olhar deturpado em relação a si próprio e ao seu grupo étnico, possibilitando assim a introdução do racismo. Na procura pelo reconhecimento e possibilidade de existir positivamente, ele rejeita o seu próprio corpo e o manipula para construir uma imagem, que seja capaz de ser aceita pelo grupo dominante, nessa situação, mais próxima da estética branca.

Contudo Gomes (2006) nos mostra, que para compreendermos a representação do negro no Brasil, devemos ir além do ideal de imitação do padrão do corpo branco. Pois, ao fazermos essa correspondência, limitamos as subjetividades de cada indivíduo. Nesse sentido, devemos entender que o corpo negro vem se recriando e ressignificando ao longo da história, na sociedade brasileira. Nesta perspectiva não podemos delimitar o corpo negro apenas de maneira estigmatizada e negativada, mas para além destes estereótipos, vislumbrarmos o povo que através das suas lutas e resistências, foram e continuam sendo capazes de evidenciar a sua beleza, seja, pelo seu próprio corpo, sua cultura. Na atualidade o povo negro se encontra em constante afirmação não somente da cultura afro-brasileira, mas também da cultura nacional, não a que privilegia um país miscigenado que sufocava e inferiorizava o negro, mas a que estabelece fios para construção de um país multicultural, que busca respeitar a diversidade existente aqui.

Neste contexto, acreditamos que a escola deve possibilitar aos educandos políticas de desconstruções de estereótipos, promovendo leituras e discussões que possibilitem à criança negra o conhecimento sobre sua história, sua cultura, para que estes possam se sentirem representados de maneira significativa no processo de ensino-aprendizagem.

1.1. O papel da escola na desconstrução de Estereótipos sobre o corpo negro

Há necessidade de ressaltar que as práticas e representações que configuram o racismo, negando aos alunos o conhecimento da verdadeira história e tradição do povo negro no Brasil, de maneira íntegra, sem estereótipos que distorcem e não retratam fielmente a trajetória dos descendentes de africanos, muitas das vezes aparecem em

mensagens subliminares que consolidam uma sociedade racista e excludente.

A exclusão ou até mesmo a inferiorização dos africanos no Brasil é algo latente, pois desde o período colonial o povo negro, vem sofrendo as mais variadas formas de discriminação e preconceito.

A preocupação com a situação do negro no Brasil assume uma importância ainda maior se comparada a outras nações, pois aqui esta herança da África está mais presente, porém menos valorizada. Essa desvalorização é uma característica facilmente constatada, pois basta olhar a sociedade através de lentes críticas que as discrepâncias sociais saltam aos olhos. Os mais necessitados no Brasil, muitas vezes, descendem da herança africana, sendo estes também os mais vulneráveis aos ataques racistas de várias naturezas, e que por sua vez, prejudicam a situação financeira, profissional, familiar, escolar, psicológica, entre outras.

Assim sendo, práticas pedagógicas sobre Cultura Negra na escola, deve-se pensar em atividades que possibilitem aproximar nossos alunos da riqueza cultural afro-brasileira, aprofundando o estudo das fortes raízes culturais africanas, visando elevar a autoestima da criança negra e sua percepção e atuação sobre si mesma e seu lugar no mundo. Arruda (2006), afirma que a escola precisa romper com os interditos. Para mostrar aos educandos a necessidade de se valorizar e garantir direitos inalienáveis de todos os estudantes, sobretudo os estudos da formação do povo afrodescendente e do legado da cultura africana para os dias de hoje.

Nessa perspectiva, é de extrema importância o papel da escola, desde a educação infantil, até a vida universitária, não de ser agente de reprodução das relações sociais, onde mantém o branco como superior e o negro como inferior, mas que seja capaz de quebrar paradigmas. Mostrando que a população negra advinda do continente africano tem cultura própria, maneiras de se vestir de pensar e agir. Tudo isso permite que os nossos alunos se aproximem da riqueza cultura africana e afro-brasileira, visando elevar a autoestima da criança negra e sua percepção sobre si mesma e seu lugar na sociedade.

De acordo com Silvério (2008), para tanto, impõe-se a necessidade de rever e atualizar o papel da escola, onde a formação para um tipo de cidadania regulada tem se tensionado com a construção/preservação da identidade particular dos afrodescendentes. Em relação à formação de professores, as diretrizes (BRASIL, 2008), orientam no sentido de se desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular; para a necessidade de superar o etnocentrismo europeu; para a desalienação dos processos pedagógicos; para a construção de projetos pedagógicos, e pedagogias, que desvendem

os mecanismos racistas e discriminatórios com o objetivo de reeducar as relações étnico-raciais. Nesse sentido, elas arrolam algumas providências a serem tomadas pelos gestores dos sistemas de ensino e autoridades responsáveis pela política pública educacional.

1.2. A questão da formação de professores: contribuindo com o processo de construção da identidade das crianças negras

Um dos problemas para a discriminação no ambiente escolar, é ocasionado pela falta de formação dos professores. Ou então, em outros casos os profissionais da educação até tem formação, mas continuam reproduzindo práticas de exclusão com as crianças negras.

Essa postura de alguns docentes contribui de maneira significativa para as estatísticas negativas que a população negra vem enfrentando em solo brasileiro. Pra se ter uma ideia, esse tratamento diferenciado dentro das salas de aula dos professores perante aos alunos brancos e aos alunos negros contribuem para o não reconhecimento da criança negra no espaço escolar. Talvez, seja essa a explicação para que a evasão escolar na maioria das vezes ocorra com as crianças negras.

É no espaço escolar que em grande medida inicia-se a construção das subjetividades das crianças, e neste, ocorrem seus contatos iniciais com culturas diferentes, que acabam por evidenciar preconceitos, estigmas e racimos. A desigualdade social, e sobretudo, racial nas escolas é uma triste realidade que marca o processo histórico do povo brasileiro. Essas arestas marcam significativamente os direitos das crianças de terem um espaço de socialização que lhe permitam uma boa convivência entre iguais e diferentes e sobretudo, formas de pertencimento, ou seja, de sentir-se como parte integrante da comunidade escolar.

De acordo o (BRASIL, 2006):

Considerando a diversidade étnico-racial, sabemos que existe uma concentração maior de crianças negras em instituições como creches comunitárias e filantrópicas. Portanto, não podemos desconsiderar que a desigualdade racial no sistema educacional apontada em várias pesquisas está presente na Educação Infantil, considerando-se o acesso a essas ofertas de atendimentos, a qualidade do trabalho realizado, as condições de trabalho dos (as) profissionais que ali atuam principalmente a sua formação. (BRASIL, 2006, p. 35)

Neste sentido, acreditamos que a formação dos profissionais da educação seja um dos pontos principais para o rompimento de práticas discriminatórias dentro das escolas. A diversidade encontrada no ambiente destas instituições, devem ser encaradas como algo positivo, romper com o silêncio que a séculos tem colocado de lado a cultura afro-brasileira, dando voz e vez as crianças negras, para que assim possam se identificarem com sujeitos ativos na construção do processo histórico.

Nesta perspectiva a criança negra encontra dificuldades em se identificar com seu grupo de pertencimento racial, uma vez que se reconhecer como negro em sociedade arraigada de preconceitos, é incorporar-se a estereótipos negativos.

Segundo Cavaleiro (2000, p.25), “a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os negros permitem que as crianças negras neguem sua identidade racial e busquem cada vez mais aproximar-se das características que as aproximam do branco”.

Esse posicionamento da autora nos permite enxergarmos uma dura realidade que se faz presente nos dia a dia do ambiente escolar e que vem propiciando o silenciamento e a internalização do ideal de branqueamento por parte das crianças. Isso ocorre pelo fato da escola atuar como mecanismo de reprodução de práticas preconceituosas implícitas. Não dando a devida atenção a temática das relações étnico raciais.

É na ausência dessas discussões no cotidiano escolar, que desencadeia uma série de problemas, tais como violência moral, física, social e tantas outras, já que não é estimulado o desenvolvimento por uma cultura de aceitação de si, como parte integrante do corpo social, sem rotulações de quem seja superior ou inferior, o bem e o mal, mas propor uma educação numa perspectiva de desconstrução de práticas presentes na escola que deturpa a imagem de um povo em detrimento a outro.

Acreditamos que a escola deve despertar nos seus educandos um sentimento democrático e emancipatório dos sujeitos. Nesta perspectiva compreende-se a importância de se discutir e problematizar os processos de construção da identidade, a partir do momento que a escola se posicione como um lugar democrático para a promoção de práticas sociais voltadas para a diversidade que é encontrada no interior e exterior das instituições.

De acordo com Gomes (1995) os movimentos sociais, as lutas da comunidade negra exigem da escola um direcionamento e adoção de práticas pedagógicas que

contribuam para a superação do racismo e da discriminação. É necessário que a comunidade escolar passe por um processo de formação político pedagógico que dê subsídios para um trabalho mais eficaz com a questão racial no espaço escolar.

Nessa perspectiva, entendemos que a escola é o melhor caminho para desconstruir alguns conceitos perpassados ao longo do tempo. A mesma deve pensar na valorização do ser humano, independente de raça.

CAPÍTULO II

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DA REPRESENTAÇÃO ESTEREÓTIPIADA SOBRE O POVO NEGRO ÀS INFLUÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA.

A literatura apresentada no Brasil, do final do século XIX até o surgimento de Monteiro Lobato, evidenciava os paradigmas vigentes da época tais como: nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus padrões a serem imitados e o moralismo religioso.

Com o surgimento de Lobato na cena literária para crianças e sua proposta na época, inovadora, a criança passa a ter voz, ainda que pela boca de uma boneca, nunca antes registrada pela literatura. Monteiro apresenta características nunca exploradas no universo literário para crianças, segundo Filho (2009), apelo as teorias evolucionistas para explicar o destino da sociedade, onipresença da realidade brasileira, olhar empresarial, preocupação com problemas sociais, soluções idealistas e liberais para os problemas sociais.

De acordo com Filho (2009), Lobato foi o precursor de uma nova literatura voltadas para às crianças no Brasil, literatura esta que ainda passaria por diversas transformações ao longo do tempo, por uma ditadura militar e por grandes mudanças na tecnologia e na sociedade.

Entretanto, não podemos esquecer que as obras produzidas por Lobato, receberam duras críticas ao longo do tempo, quanto a sua escrita. Inclusive

recentemente, vejamos um trecho de uma reportagem:

Após "Caçadas de Pedrinho", agora o livro "Negrinha", do escritor Monteiro Lobato, é alvo de movimentos sociais que pretendem barrar a sua distribuição pelo governo por suposto conteúdo racista e sexista. Nesta terça-feira (25), o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara) protocolou representação na Controladoria-Geral da União (CGU) pedindo que as obras deixem de integrar o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que distribui livros a bibliotecas escolares do país. "Mais uma obra de Monteiro Lobato é questionada por suposto racismo." (MENDES, 2017)

Na obra *Negrinha*, que foi adquirido pelo governo federal em 2009 e 2010 por meio do PNBE (programa Nacional de Biblioteca da Escola). A obra, lançada em 1920, reúne 22 contos de Monteiro Lobato. A personagem principal é uma criança órfã de sete anos "mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados", diz o texto da obra. De acordo com alguns estudiosos essa obra carrega um viés de preconceito e estereótipo.

Contudo, vale destacar que não há um consenso em relação as obras produzidas por Monteiro Lobato, as opiniões divergem muito sobre esses casos. Para Marisa Lajolo, citada na reportagem. O livro conclui que Monteiro Lobato não colocou teor racista na obra, mas sim fez reflexões sobre a realidade do Brasil, usando humor e ironia. "A obra de Lobato não insufla racismo, tampouco reflete atitudes preconceituosas. Ao contrário, condena-as. Dona Benta repreende Emília quando falta ao respeito com Tia Nastácia", exemplifica Marisa Lajolo, pós-doutora em literatura comparada e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Federal de Campinas (Unicamp). Para ela, os negros são vistos com carinho na obra: "Tia Nastácia e Tio Barnabé - negros que figuram como personagens e às vezes protagonistas da obra infantil lobatiana, são representados com respeito e afeto". De acordo com Marisa, as críticas à obra de Monteiro Lobato ocorre porque ele questionou os valores de seu tempo: "O extraordinário valor da obra lobatiana decorre de sua capacidade de retratar - de forma crítica, divertida e irreverente - o quadro de valores então vigente. Esta sua independência tem custado ao autor censura de diferentes segmentos sociais: da igreja católica ao estado novo, mas Lobato sobrevive!"

Já Regina Dalcastagnè, especialista em narrativa brasileira contemporânea e professora do Departamento de Literatura da UnB considera Monteiro Lobato um autor racista: "Monteiro Lobato é racista. Não é uma declaração aqui ou ali, está em toda a obra dele. Não há como discutir se ele é ou não racista pois é explícito em sua literatura". Regina explica que a escritora Ana Maria Gonçalves fez uma análise

profunda da vida do autor por meio das cartas que ele escrevia. Algumas dessas cartas eram direcionadas ao médico diretor da Sociedade Eugênica de São Paulo, instituição de 1913 que pregava a eliminação dos negros por meio do “branqueamento” da população.

Observamos aqui uma polêmica acentuada no que diz respeito às obras de Lobato. Entretanto, não pretendemos santificar ou demonizar Lobato, mas mostrar a importância da produção dele no cenário da literatura infantil, que carregara consigo algumas mudanças de atitudes no decorrer do tempo.

Tais mudanças trouxeram de arcação para a literatura infantil a diversidade de valores do mundo contemporâneo, a inquietação acerca do papel do homem diante de uma sociedade que se modifica a cada dia e, além disso, trouxeram também as vozes de diferentes contextos sociais e culturais presentes na formação do povo brasileiro.

Nessa perspectiva, encontramos dois momentos bem definidos da literatura voltada para as crianças no Brasil. O primeiro momento anterior a Lobato, que era caracterizado por veicular valores como o individualismo, a obediência absoluta aos pais, hierarquia de classes, a moral religiosa, diversos tipos de preconceito como racismo, uma linguagem literária voltada para reproduzir os padrões europeus. Nesse sentido, a literatura para as crianças se torna um instrumento pedagógico, pensada para uma criança vista como um adulto em miniatura. Posterior a Monteiro Lobato a literatura passa a quebrar com alguns padrões, mundo com antigas hierarquias fragmentadas, moral flexível, luta contra preconceitos, linguagem literária que apresenta um mundo em (re)construção.

Outro aspecto a ser considerado, na busca por compreender como as questões étnico-raciais são retratadas na literatura infanto-juvenil, são os estereótipos de beleza. Na sociedade brasileira, há uma variedade de grupos étnicos e, apesar disto, as características raciais consideradas como ideal de beleza são olhos azuis, cabelos lisos, a pele branca. Desde a infância, temos contato com obras literárias que reforçam este estereótipo de beleza, quase que em sua plenitude, personagens brancos. Perante esta situação surge o questionamento de qual o motivo do negro não fazer parte das histórias que vemos na grande parte das obras literárias e que quando enxergamos a presença dos mesmos nos escritos da literatura, encontramos de maneira estereotipada, marginalizada, estigmatizada. Nessa conjuntura, grande parte das crianças crescem tendo como padrão de beleza o modo de vida considerado perfeito e que nos são apresentados, um padrão que põem a margem os negros.

Cabe aqui destacarmos o que compreendemos por estereótipo, como sendo impressões sólidas e generalizadas que os indivíduos fazem apressadamente sobre alguns aspectos tais como comportamento, aparência, modo de se vestir, a religiosidade, sexualidade dentre outras, de forma negativa. Podemos ainda discorrer que estereótipos são pressupostos que um determinado grupo atribui a outro com o objetivo de dar veracidade há algo que é falso, com o intuito de tirar proveito da situação.

Além desses já mencionados, e não menos importante, vale destacar que o estereótipo relacionada a cor da pele. Este último associa a cor negra com muita frequência a personagens maus. “O negro associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica, impregna o texto com bastante frequência” (ROSEMBERG, 1985, p.84). Esses estereótipos precisam ser desmistificados, partindo de discussões, acerca da diversidade étnico-cultural na literatura infanto-juvenil e evidenciar a possibilidade de entendermos que os sujeitos são pluriculturais. Nesta perspectiva vejamos o que nos mostra a psicologia.

Para a psicologia, a criança adquire consciência de seu físico, e de suas características raciais, a partir da infância. Portanto, se a criança não se enquadra no padrão estético considerado belo, ela começa a se enxergar como inferior para os grupos aos quais se insere, desenvolvendo assim um sentimento de negatividade sobre a sua imagem. Segundo Souza (1990), os modelos de estética de beleza física são determinados culturalmente.

Nessa perspectiva entendemos que a sociedade estabelece padrões de estética, os quais estão relacionados aos padrões de beleza física. Nesse sentido, acabamos incorporando hábitos, atitudes, crenças e valores daquilo que é convencional e culturalmente aceito como belo.

Diante o processo colonial, conseguimos perceber que a identidade do povo negro foi fragmentada, desde sua retirada forçada do continente africano, passando pelos navios negreiros, até chegar ao “novo mundo”. Como nos diz Hall (2001):

[...] à medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2001, p. 13)

Portanto, consegue-se analisar que é na influência da cultura, etnia e interação da

comunidade negra, que acontece a (re)construção e transformação de identidades.

Tendo como elemento central a literatura, abordamos a mesma aqui, não como agente reprodutor de inferiorização do povo negro, mas como instrumento de propulsão cultural de um povo forte e que resiste até os dias de hoje a todas as formas de preconceitos e estigmatizações, através da oralidade, tradições, costumes e crenças.

No terceiro capítulo, faremos uma análise da obra de Ruth Rocha, intitulado o Amigo do Rei, mostrando como a autora apresenta sua produção literária, de forma a minimizar essa permanência histórica que o negro sofreu e ainda sofre ao longo do tempo como sendo inferior e subalterno, abordaremos também a contribuição da Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS, AMBIENTES NATURAIS E VALORES CIVILIZATÓRIOS: ANALISANDO CONCEITOS PRESENTES NA OBRA “O AMIGO DO REI”

A literatura, no decorrer do tempo, se utilizou de um discurso racista para estigmatizar o homem negro. De acordo com Rosemberg (1985), a carência, ou melhor, a ausência da representação de personagens negros na literatura infanto-juvenil ou sua representação estereotipada, é o reflexo de uma prática de preconceito e marginalização que reinava na sociedade. Para Silva (2016) A anulação e o silenciamento das personagens negras são evidenciados na forma de construção e de representação dessas personagens. As personagens brancas sempre foram mais frequentes nas histórias e, em sua grande maioria sempre ocuparam os lugares mais privilegiados e de destaques na sociedade. Eram sempre heróis, heroínas, que por mais que enfrentassem dificuldades, no final sempre conseguiam lograr êxitos, por serem dotados de virtudes e inteligência. Enquanto os personagens negros sobrava o papel de subalternos, de inferioridade em relação ao branco. Nesta perspectiva, o negro é sinônimo de “anormalidade” e os brancos eram considerados indivíduos “normais”.

Ainda de acordo com Silva (2016) as princesas e príncipes, heróis e heroínas das histórias trazidas pelos clássicos da literatura infantil e juvenil, seguem sempre um modelo europeu, seja nas características físicas dos personagens, seja nos costumes. Nesta perceptiva há uma total ausência de personagens negros nas histórias, e quando o trazem é carregado de preconceitos e estigmatizações.

Também não podemos deixar de situar, nesse processo, a legislação. Na busca pelo direito de garantir uma política pública voltada ao respeito às diferenças é implementada a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) que torna obrigatório no currículo a temática da História e Cultura afro-brasileira na educação. Visando ampliar essas garantias é sancionada em 2008, a Lei 11.645 (BRASIL, 2008) que altera o artigo 26 – A da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que traz a obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio o estudo da História e Cultura afro-brasileira e indígena. Com vistas a garantir o bom desenvolvimento desse processo e com o objetivo de operacionalizar o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (Lei nº 9.394/96) por meio das suas alterações (Lei nº 10.639/03 e 11.645/08), destacamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004).

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. (BRASIL, 2004, p. 12).

É perceptível que tanto a Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, quanto as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) versam sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Culturas Africanas e Afro-brasileiras nos currículos escolares da educação básica.

Na contemporaneidade, graças as legislações citadas acima, e também a força de vontade de alguns docentes e pesquisadores, a inclusão dessas temáticas vem ganhando

voz, através de debates e discussões em sala de aula sobretudo nos últimos treze anos. Contribuindo desta maneira para o reconhecimento e valorização da diversidade étnica.

Vale destacar ainda que tanto a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para educação das relações étnico-raciais (BRASIL, 2004), procuram enfatizar uma Educação antirracista na busca de resolução de conflitos entre todos os grupos étnico-raciais, favorecendo uma aprendizagem significativa desde as séries iniciais, visando uma contribuição mais humana e solidária.

Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. (BRASIL, 2004, p.14)

As diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais, nos mostra que o combate as mais variadas formas de racismo não é tarefa unicamente da comunidade escolar, mas de todos os outros espaços (rua, igreja, comércio), ou seja, a sociedade de maneira geral. Contudo a escola tem um papel significativo para a ruptura das práticas discriminatórias na vida de seus educandos e para a transformação da realidade social.

Segundo Paulo Freire (1979) “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Entendemos que a educação sobretudo a escolar possui um papel significativo na construção da vida social dos sujeitos, possibilitando ao mesmo o acesso a sua história e a sua cultura.

Nessa concepção de educação e políticas educacionais afirmativas que as legislações acima nos mostram, a literatura pode ser palco de quebra de paradigmas, sendo capaz de derrubar valores e comportamentos eurocêntricos. Nesse viés, o universo literário deve privilegiar a formação plural da sociedade brasileira, ou seja, ao invés de se apresentar como mera reprodutora de padrões moralizantes estabelecidos pelas classes dominantes, a literatura passa ser encarada pela sociedade como ferramenta de questionamentos sobre valores e padrões que nos são impostos.

Para tanto, a análise do livro é realizada a partir de três temáticas: As representações identitárias, os valores civilizatórios e os ambientes naturais. A primeira e extremamente importante diz respeito a questão da representação, buscamos observar na obra o Amigo do rei, como o personagem Matias é apresentado pela autora, analisando suas características. Prosseguimos nossa análise identificando alguns valores

civilizatórias que vislumbramos na literatura trazida por Ruth Rocha, dos quais destacamos a oralidade e ancestralidade. Por fim adentramos nos elementos naturais que a autora apresenta em sua obra, onde podemos enxergar a floresta como um lugar cheio de códigos que vão sendo decifrados pelo personagem Matias.

3.1. Da construção das representações sobre o negro e a identidade do personagem Matias

Na construção da identidade cultural de um povo, a literatura ocupa lugar de destaque, pois segundo Filho (2009) oferece os universos de relações produzidos na história, ou seja, desde espaços ocupados e de que maneira esses espaços se ocuparam até as transformações nas relações sociais e os símbolos produzidos na e por essa sociedade.

Trabalhar com a representação do negro na literatura, segundo Santos (2010), se torna um instrumento que pode ser utilizado como via de desconstrução desse processo e favorável a um processo de mudança e, de reconhecimento do negro no panorama social brasileiro.

As tessituras da literatura abrem um mundo de possibilidades para a reconstrução e formação da identidade do povo negro. Buscando contribuir com o processo identitário do negro em nossa sociedade, bem como sua contribuição na formação da sociedade brasileira, nos debruçaremos na obra infanto-juvenil “O amigo do rei”, de Ruth Rocha, analisando como a autora apresenta o personagem negro, através de um olhar diferenciado. O protagonista da história a criança negra se apresenta como forte e resistente a qualquer forma de marginalização.

O personagem Matias (o menino negro) se posiciona afirmando sua identidade africana, através dos valores civilizatórios, tais como oralidade e ancestralidade. A obra “O amigo do rei” apresenta o personagem negro como forte, inteligente, conhecedor de sua história. A obra de Ruth Rocha quebra um pouco com a negação do ser negro que nos foram sempre apresentadas. Segundo Silva (1987), analisando estereótipos e preconceitos em relação ao negro em livros de comunicação e expressão de 1º grau – nível 1, afirma que a representação do negro na sociedade brasileira, abrange as seguintes categorias:

Negro associado a preguiçoso, a mau, a animal, a feio, a favelado, a incapaz; negro exercendo atividades consideradas inferiores na sociedade; negro caricaturado; negro resignado; negro humilhado pelo branco; negro apresentado como objeto de dominação (apelidado), sem família e origem; estereótipos explícitos em relação ao negro nos textos; depreciação da cultura e do aspecto físico do negro; agressão verbal ao negro; total ausência dos negros em vários livros; negro em minoria; negro em último lugar; ausência de pai e mãe negros. (SILVA, 1987, p. 98)

Comumente, encontramos em diversos registros literários o povo negro marcado por esses estereótipos pejorativos, desqualificadores como nos mostra (SILVA, 1987). Uma literatura com a perspectiva de manutenção de valores e pensamentos da classe dominante, sendo feita por meio de mecanismos que procura disfarçar o caráter doutrinário.

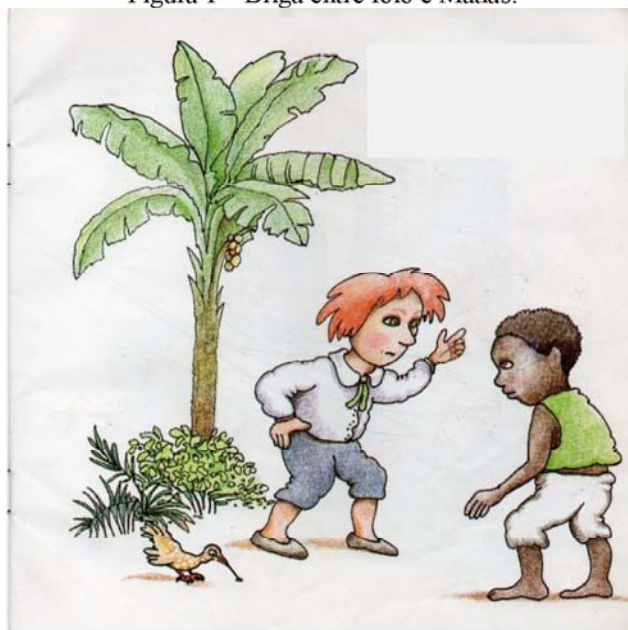
Entretanto, a literatura apresentada por Ruth Rocha não tem como objetivo estigmatizar o negro, mas de permitir vislumbramos um novo universo acerca da contribuição do povo africano, não só no Brasil, mas no mundo. Vale salientar que ao ser trabalhado com essa temática, é importante destacar que toda a comunidade escolar deve estar inserida no projeto e não apenas os afrodescendentes, de forma em que fique claro que conhecer as variadas culturas é essencial, despertando na criança o respeito pelas outras pessoas independentemente da raça. Para tal, é fundamental não apresentar apenas as questões sobre escravidão, miséria e sofrimento. Mas, sobretudo, destacar a forma de organização e cultura do povo negro.

Nesta obra a autora apresenta a história de duas crianças de mesma idade, uma nascida na casa grande e outra na senzala. Estamos falando de Ioiô, filho de um senhor de engenho e Matias, filho de escravos. O que nos chama atenção nessa história é que a relação de amizade existente entre as duas crianças permitiram um diálogo acerca da cultura africana.

Entretanto, vale ressaltar que quando havia briga Ioiô que era o patrão tinha sempre razão. Conforme destacamos no trecho:

E os dois cresceram juntos.
Muito amigos, brincavam de tudo que menino brinca.
Mas quando brigavam, como todo menino briga, *Ioiô* tinha sempre razão. *Ioiô* era o patrão. (ROCHA, 1999, p. 6)

Figura 1 – Briga entre Ioiô e Matias.



Fonte: ROCHA, 1999, p.6.

Nesse trecho da história percebemos a relação de superioridade que a criança branca impõe sobre a criança negra. Contudo, o personagem Matias criado por Ruth Rocha não se abatia com esse posicionamento isso fica nítido na fala de Matias, quando ele conta a seu amigo Ioiô, que um dia seria rei.

Sabe, Ioiô?

Eu não vou ser escravo sempre, não.

Um dia vou ser rei... (ROCHA, 1999, p. 8)

Entretanto Ioiô não compreendia como isso poderia acontecer, e questiona Matias:

Como é isso, Matias?

- É o que nosso povo diz...

Que lá na nossa terra

Meu pai era uma grande rei.

E eu vou ser rei, também. (ROCHA, 1999, p. 9)

Observamos neste trecho da história que Matias (o personagem negro) continua afirmando que um dia seria rei, ou seja, não deixava se intimidar com os questionamentos de Ioiô. Mostrando ao mesmo que nas terras de onde vieram seu povo, existia uma história e cultura que deve ser respeitada. .

3.2. Dos valores civilizatórios presentes na obra “O amigo do rei”

Os valores civilizatórios são elementos extremamente importantes para a cultura do povo africano. Valores estes que estão marcado na memória, na música, no modo de ser e, sobretudo, na literatura. Os valores civilizatórios são circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade, energia vital e ludicidade. Dos quais destacaremos neste trabalho a Oralidade e a Ancestralidade, ambos identificados na obra O amigo do rei.

A literatura produzida por Ruth Rocha faz alusão a elementos da cultura africana, através de analogia podemos afirmar que o personagem Matias representa a ancestralidade e a oralidade, o respeito à suas origens e sabedoria passada pelos mais velhos, pelo fato do mesmo conduzir algumas histórias no decorrer da narrativa e estes elementos são típicos daquela cultura. Isso fica evidente no seguinte trecho:

Matias, às vezes, contava a Ioiô:
Sabe, *Ioiô*? Eu não vou ser escravo sempre, não. Um dia eu vou ser Rei...
Ioiô ria: Como é isso *Matias*?
É o que os escravos dizem... Que lá na nossa terra meu pai era um grande Rei. E eu vou ser Rei, também.
Ioiô não acreditava: Só vendo.
Matias insistia: Vai chegar o meu dia... (ROCHA, 1999, p. 10)

Figura 2 – Matias contando a Ioiô que um dia seria rei



Fonte: ROCHA, 1999, p.9

Ao analisarmos esse parágrafo nos deparamos com alguns valores civilizatórios afro-brasileiros, dos quais destacamos a *Oralidade* e a *Ancestralidade*. A importância da tradição oral na cultura africana. A valorização da tradição oral, na África, longe de significar apenas um meio de comunicação, reluz uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade. Nesse sentido, a palavra transmitida na oralidade conduz a herança ancestral tão valorizada por esta cultura. Os seus *griots* (contadores de histórias) relatam as histórias ouvidas de seus antepassados, que por sua vez, deverão ser ouvidas entres as gerações seguintes.

A oralidade é um elemento bastante significativo, é o ponto central na constituição e manutenção da cultura africana. Segundo Leite (1992) a palavra emana muita força, ela machuca, ofende, mata, mas também pode acariciar, dar segurança e curar males. Dentro o universo africano a mesma está ligada a força vital. Não obstante a palavra aparece como substância da vitalidade divina. A palavra ainda pode ser associada, dentro do mundo africano, como instrumento singular de práticas políticas, uma vez que as decisões da família e comunidade são tomadas mediante a discussão coletiva.

É através da oralidade que, segundo Bastide (1989), todos os valores e práticas culturais conseguem se manter vivos nas mentes e nos corações do povo africano, tendo em vista a forma violenta que os mesmos sofreram a serem arrancados de suas terras e virem para o Brasil. A oralidade nesse sentido, busca a manutenção das tradições culturais de um povo que foi oprimido por um sistema colonial.

Já a ancestralidade, diz respeito a busca da continuidade da história do povo negro, sobretudo ouvindo os mais velhos. Neste sentido observamos a importância que as pessoas mais velhas detém na cultura africana.

Trazer a literatura que retrata de forma dinâmica à cultura africana para a escola, proporciona-as crianças da educação infantil o contato com os costumes e tradições do continente africano, sem imposições e cultivando nelas a valorização e o respeito a essa cultura que faz parte do nosso país e ainda não é reconhecida como merece. Contribuindo, assim, de maneira mais produtiva, para a diminuição dos estereótipos sofridos pelas crianças negras na educação Infantil.

Pensar nas crianças e, sobretudo, nas suas relações com os livros de literatura é pensar em um futuro de responsabilidade, de construção de um mundo com menos espaço para a opressão das diferenças.

3.3. Do meio ambiente apresentado pela autora “Ruth Rocha”

Os contos de fada possuem características singulares. Entre seus personagens encantados, objetos cheios de magia, e paisagens fascinantes, está a floresta. Esta última figura bastante recorrente nos textos tradicionais da literatura infantil, se apresenta em diversas obras como o lugar do perigo. Vemos isto nas histórias de João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, A bela adormecida, Branca de Neve, Alice no país das maravilhas, o Mágico de Oz, dentre outras.

Nestes contos a floresta é representada como o espaço do arrepio, do medo, da insegurança e até mesmo da solidão. Na obra de Ruth Rocha, *O amigo do Rei*, a mesma também nos apresenta a floresta não apenas na perspectiva do negativismo, obscurantismo, mas rica em metáfora dos rituais iniciáticos e das etapas a serem decorridas para que o ser humano consiga crescer e alcançar a sua maturidade de maneira significativa. Tudo começa quando em um certo dia Matias (negro) e Ioiô (filho do senhor de engenho), fizeram algo que não podiam fazer, e o pai de Ioiô aborrecido com os dois deu-lhes uma surra. Insatisfeito por ter apanhado o filho do senhor de engenho convida seu amigo Matias para fugir. Ao nos debruçarmos na história escrita por Ruth Rocha, percebemos a relação de proximidade do personagem Matias (negro) com esse lugar. Vejamos um trecho da história: “E os dois saíram pela mata. A mata era perigosa. Mas não para Matias. Em cada curva havia uma indicação. Matias entendia: É por aqui” (ROCHA, 1999, p. 15).

Figura 3 – Matias e Ioiô adentrando na floresta.



Fonte: ROCHA, 1999, p.16

Ao analisarmos esse pequeno trecho fica nítido que para o personagem Matias a floresta se concebe com outra concepção, ou seja, um espaço com vários códigos que precisam ser decifrados, podemos dizer que a uma relação do natural com o sobrenatural. A mesma é encarada como um lugar de transformação e oportunidades. Tendo em vista que em várias culturas, sobretudo a africana a mata ganha um significado religioso, lugar dedicado aos seus deuses e culto aos antepassados.

Nas florestas existem árvores que na tradição africana é símbolo de nutrição, do feminino do materno, da vida. Vejamos como a autora explorou essa questão: “E, em cada clareira, encontravam alimento. E, quando escurecia, encontravam uma fogueira. E os dois dormiam encolhidos, Junto ao fogo. Viajaram assim muitos dias” (ROCHA, 1999. p. 16).

Figura 4 – Matias e Ioiô dormem próximo ao fogo.

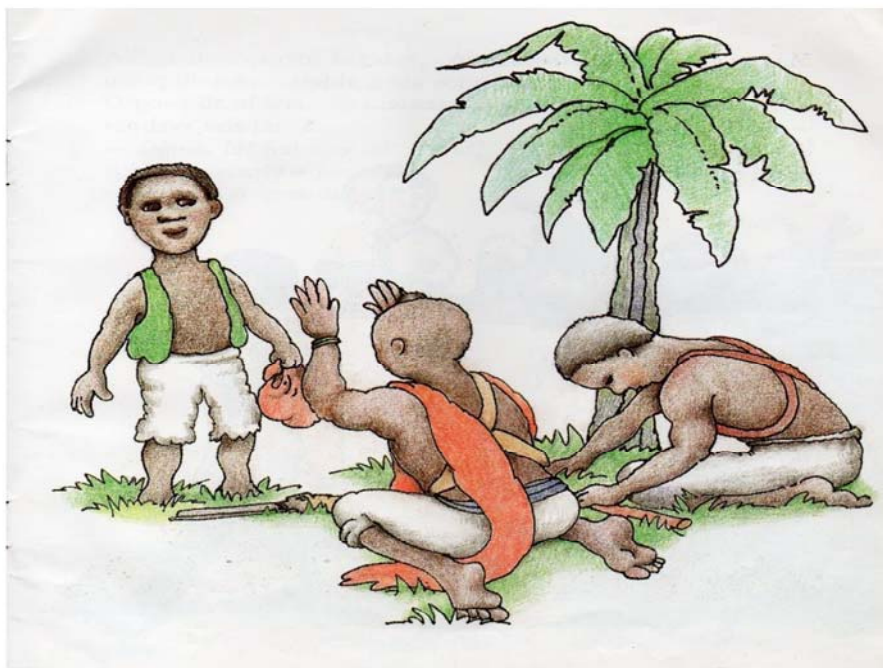


Fonte: ROCHA, 1999, p.18

Nesta perspectiva observamos que Matias, detém um conhecimento significativo com a mata. Reforçando mais uma vez a ideia de proximidade do mesmo com a natureza. A logística da história nos apresenta a floresta como um lugar mítico cheios de símbolos que necessitam ser interpretados, para dar prosseguimento a caminhada no

interior da mesma. Ao decorrer de sua jornada (Matias e Ioiô), dentro da floresta, se deparam com a mata toda enfeitada, ouvia-se som de tambores, quando de repente observam pessoas enfeitadas, armados, com medo do que via Ioiô quis correr. Entretanto os guerreiros se curvaram diante de Matias e faziam saudações. Os dois são carregados pelos guerreiros até um quilombo.

Figura 5 – Os guerreiros saúdam Matias como rei.



Fonte: ROCHA, 1999, p.22

Ao nos debruçarmos na obra, percebemos que Ruth Rocha, buscou ressignificar a imagem do negro, pois nela vislumbramos uma valorização de sua história, cultura e sobretudo o respeito as tradições, trilhando desconstruir elementos negativos que são atribuídos ao povo negro em diversas obras literárias. Nos deparamos com uma literatura voltada a questão do empoderamento do personagem negro acerca da história de seu povo. Onde em diversos momentos de sua obra a autora dá ênfase a esse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período colonial, até os dias atuais a comunidade negra vem sofrendo diversos tipos de preconceito, seja ele cultural, religioso, racial, etc. Nossos educandos estão, cada dia mais sendo bombardeados por informações distorcidas.

São esses e tantos outros percalços que têm impedido de lermos a diferença no espaço escolar e que por muitas vezes, acabamos por reproduzirmos estas práticas escravocratas dentro da escola.

Ainda que muitas mudanças venham ocorrendo nas últimas décadas, ainda hoje é possível nos depararmos com uma série de preconceitos que põem em risco a comunidade afro-brasileira.

Nessa perspectiva acreditamos que a escola deverá constituir-se como espaço de transformação social. Em prol da diversidade, do respeito e da boa convivência entre “iguais e diferentes” é necessário desconstruir certas pré-noções difundidas oralmente e midiaticamente que perseguem o povo negro. Amparados pela Lei Federal nº 11.465/08 (BRASIL, 2008), que foi modificada a partir da lei 10.639/03, que obriga o ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas, cabe sobretudo aos educadores, mas não apenas a eles, discutir a importância dos negros, na formação da cultura e da sociedade brasileira.

Nesta perspectiva, a literatura infanto-juvenil apresentada por Ruth Rocha, se configura como elemento de mudança de paradigma. Nesse contexto a imagem do povo negro é ressignificado, é apresentado de maneira positivada. Elementos que caracterizam o negro a história e cultura afriacana, como oralidade e ancestralidade são perceptíveis na sua produção. É nesse cenário que autora dá voz e vez, aqueles que se encontram à margem da sociedade.

Ao chegarmos na reta final deste trabalho acreditamos termos alcançados nossos objetivos, mediante as discussões e problematizações de questões pertinentes ao contexto étnico racial. Postulávamos examinar dentro da obra de Ruth Rocha (1999) o processo de representação do negro, analisando à desconstrução de estereótipos pejorativos, ao qual a população negra estava condicionada. A autora estabelece uma ruptura com as correntes da literatura tradicional, ao apresentar um personagem negro cheio de virtudes e conhecimentos acerca da história e cultura de seu povo. Ao adentrarmos na obra *O Amigo do rei*, percebemos a importância que Ruth Rocha dá a história e tradições africanas, representadas na obra pelo personagem Matias. Neste viés

o enredo literário utilizado pela autora corroboram para o processo de desconstrução de estereótipos, nos quais o povo negro foi colocado, tanto pela historiografia quanto pela literatura.

É claro, que o combate as discriminações não é apenas papel da literatura, mas abrange um corpo social ainda maior, dentre eles destacamos a importância da escola na formação dos sujeitos.

Por fim, acreditamos que estas discussões levantadas neste trabalho não se esgotam, pois a muito ainda o que problematizar em torno dessa temática. Contudo é preciso respeitarmos as diferenças.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Jorge. **Educando pela diversidade afro-brasileira e africana**. João Pessoa, PB: Dinâmica, 2006.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**: Contribuição para uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em 10 de Junho de 2017.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 10 de Junho de 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC – SEF, 1998.
- CAVALEIRO, E. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil. – São Paulo: Contexto, 2000.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A Questão da Palavra em Sociedades Negro Africanas**. In: Democracia e Diversidade Humana: Desafio Contemporâneo. SECNEB, Salvador, Bahia, 1992.
- FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura infantil: **Múltiplas linguagens na formação de leitores**. – São Paulo : Editora Melhoramento, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49 ed. São Paulo: Global, 2004. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso, Prefácio a 1ª edição.

- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perde a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: autêntica 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MEC/SECAD. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.
- MENDES, Pricilla. G1 Educação, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/09/mais-uma-obra-de-monteiro-lobato-e-questionada-por-suposto-racismo.html/>> . Acessado em 26/10/2017, às 9:20.
- MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola.** 3. ed. Brasília: Mec. 2001.
- ROCHA, Ruth. As crianças e a leitura. **O amigo do rei**, São Paulo, v.11, n.1, p.12, jan.1999.
- RODRIGUES, Joyce Maria. **A relação do corpo para a construção da identidade negra.** In: FELINTO, Renato. (org.) Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais. Belo Horizonte: Fino Trato, 2012.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura infantil e ideologia.** São Paulo: Global, 1985 (Teses; 11).
- SANTOS. Cristiana Ferreira dos Santos. **Literatura infantil e a identidade da criança negra: construção ou negação?** / Cristiana Ferreira dos Santos . – Salvador, 2010.
- SILVA, Ana Célia da. **Esteriótipos e preconceitos em relação ao negrono livro de comunicação e expressão do 1º grau – nível 1.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 63, p. 96 – 98, nov. 1987.
- SILVÉRIO, Valter Roberto. **A sociologia, a escola e as diferenças etnico-raciais.** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 32., 2008, Caxambu. Anais: Anpocs, 2008.
- SILVA, Felipe Pereira da Silva. A representação do negro na literatura infantojuvenil de Ana Maria Machado. 2016. 132 páginas. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.
- SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro.** São Paulo: Graal, 1990.